

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

EDSOLANJA LEMES

**A CULTURA DO OUTRO:
Representações para a religião islâmica em dois filmes norte-americanos “Nova York
Sitiada” e “Nunca Sem Minha Filha”**

UBERLÂNDIA

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

EDSOLANJA LEMES

**A CULTURA DO OUTRO:
Representações para a religião islâmica em dois filmes norte-americanos “Nova York
Sitiada” e “Nunca Sem Minha Filha”**

Monografia apresentada na Universidade Federal de Uberlândia ao Curso de História; como parte dos requisitos para obtenção do Título de Bacharel e Licenciado em História, sob orientação da Prof.a Dra. Mara Regina do Nascimento.

UBERLÂNDIA

2017

EDSOLANJA LEMES

**A CULTURA DO OUTRO:
Representações para a religião islâmica em dois filmes norte-americanos “Nova York Sitiada” e “Nunca Sem Minha Filha”**

Monografia apresentada na Universidade Federal de Uberlândia ao Curso de História; como parte dos requisitos para obtenção do Título de Bacharel e Licenciado em História, sob orientação da Professora Dra. Mara Regina do Nascimento.

Uberlândia, 15 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Mara Regina do Nascimento – INHIS-UFU
(Orientadora)

Prof. MSc. Lucas Henrique Reis – PPHIS-UFU

Profa. MSc. Nathalia Helena Tomazini Zanco– PPHIS-UFU

“Pode ser uma conquista da terra, que significa basicamente tomá-la dos que possuem uma compleição diferente ou um nariz um pouco mais achatado do que o nosso, não é uma coisa bonita, se você olhar bem de perto. O que a redime é apenas a ideia. Uma ideia por detrás dela; não uma afeição sentimental, mas uma ideia; e uma crença altruísta na ideia — algo que você pode erigir e curvar-se diante dela, e lhe oferecer um sacrifício”.

Joseph Conrad, Coração das trevas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as coisas do céu e da terra.

Ao meu filho/a e neto/a que são a razão do meu viver, obrigada por existirem;

Meu pai que me ampara em todas as jornadas sem reclamar sempre por perto, e minha madrastra; Rossani Vilela Siquierolli.

À Dr^a Mara Regina do Nascimento que foi paciente comigo, e me ensinou a cada passo desta jornada maravilhosa, dando broncas outras vezes elogiando, me incentivando com carinho.

Ao Dr. Gilberto Noronha que sempre com seu sorriso lindo, está sempre disposto a apoiar.

À Dr^a Carla Miucci por indicar bibliografias maravilhosas, me proporcionou conhecimento abrangente sobre o Oriente;

Ao Lucas Henrique Reis que foi prestativo em ceder seu trabalho de conclusão do curso de história para que eu pudesse adquirir melhor conhecimento sobre cinema.

As secretárias da coordenação Cristina e Malú, por me ouvirem e apoiaram nas horas críticas;

Ao Ruhan por me corrigir e ajudar nas normas da ABNT, aos colegas Danilo por me ouvir chorar e desesperar me dando força e incentivando nesta jornada e a Jeane que me faz ficar relaxada com suas histórias mirabolantes.

Concluindo, à todo/as que citei e que não citei meu eterno agradecimento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CINEMA E HISTÓRIA	8
2.1. <i>O cinema como fonte histórica</i>	8
2.2. <i>Como o cinema é leitura de mundo e propagador de ideologias</i>	12
2.3 <i>A influência do Oscar</i>	16
3 A CULTURA DO OUTRO.....	19
3.1 <i>Possibilidades históricas: razões para os conflitos no Oriente Médio</i>	19
3.2 <i>Construções da desumanização</i>	20
3.3 <i>A islamofobia e xenofobia: “Nova York Sitiada”</i>	23
3.4 <i>Representação do feminino: “Nunca Sem Minha Filha”</i>	30
3.5 <i>Reflexões sobre o filme “Nova York Sitiada”</i>	37
4 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS.....	48
ANEXO A - Nova York Sitiada – Capa, sinopse e ficha técnica.....	48
ANEXO B – Nunca Sem Minha Filha – Capa, sinopse e ficha técnica.....	49

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, sobretudo após diversos atentados ocorridos nos Estados Unidos da América do Norte e Europa, tem se apresentado certo preconceito em relação aos países árabes e uma de suas religiões, o Islã.

A visão distorcida da cultura árabe e do Islã é discriminada pelo cinema de Hollywood, formando assim, mitos e a desumanização de culturas orientais. Entre estes, podemos citar duas produções da década de 1990: “Nunca Sem Minha Filha”, cuja direção é de Brian Gilbert (1991) e “Nova York Sitiada”, de Edward Zwick (1998).

Os dois filmes trazem histórias diferentes: “Nunca Sem Minha Filha” retrata as diferenças culturais e o cotidiano de famílias iranianas, revelando o choque cultural no seio familiar, especialmente entre o casal ele iraniano ela americana e a filha nascida na América do Norte.

A dificuldade de adaptação de Bethy e sua filha em um país desconhecido, e principalmente, em larga medida diferente culturalmente, as ideologias religiosas muçulmanas agravaram ainda mais a permanência de ambas no país iraniano.

No filme “Nova York Sitiada” é explícita o preconceito do personagem de um coronel americano para com cidadãos muçulmanos árabes e seus descendentes árabes. Mesmo tendo um agente do FBI libanês com cidadania americano e islâmico na corporação, considerado “de alta confiança” do agente Anthony, o coronel viola as normas a fim de prejudicar árabes muçulmanos, no desenrolar do filme.

Estas fontes possibilitarão identificar o conflito entre culturas, através das imagens e dos roteiros fílmicos, na formação de mitos sobre a fé e a cultura oriental, especificamente a religião islâmica. O cinema tem sido usado um dos meios de disseminação da intolerância em relação a estas culturas e da religião muçulmana, influenciando, assim, comportamentos de racismo e islamofóbico. Propaga-se, desta forma, negativamente os elementos identitários das culturas árabes. A relação que se estabelece parece ser a de um constante conflito entre ocidentais e orientais, tal conflito é apresentado pelo cinema comercial, em grande medida, de forma maniqueísta, no qual o mal é representado a partir de características e valores orientais.

2 CINEMA E HISTÓRIA

2.1. *O cinema como fonte histórica*

O surgimento do cinema deu-se no século XIX no de 1889, a partir do aparelho chamado cinetoscópio, inventado por Thomas Edison, que tinha a capacidade para capturar imagens em movimento. Outros modelos de projetor de imagens em movimento foram sendo aperfeiçoados contribuindo assim com o cinema moderno, que faz atualmente produções baseadas em grande aparato técnico e tecnológico. Segundo Costa (2006), as primeiras produções do cinema passaram por fases de recriações ao longo de sua história. As primeiras gravações, dada a limitação técnica, priorizaram as cenas (o cinema mudo, como ficou conhecido); a segunda evolução cinematográfica proporcionou a introdução do cinema falado, o que permitiu enredos mais elaborados e complexos e, portanto, maior viabilidade para contar fatos históricos (montagens). Ferro¹ ressalta desde que “[...] o cinema se tornou uma arte, seus pioneiros passaram a intervir na história com filmes e documentários ou de ficção, que, desde sua origem, sob a aparência de representação, doutrinam e glorificam”².

No ano de 1892, o Frances, Léon Bouly desenvolveu o cinematógrafo projetando a luz das imagens (movimentos em tela), em uma segunda etapa, a partir de 1895, os irmãos Lumière aperfeiçoaram o cinetoscópio, recriando assim o cinematógrafo e fizeram produções em sessões especiais, com a primeira exibição de um filme feito por Auguste e Luis Lumière foi em 22 de março de 1895. Os irmãos Lumière desenvolveram as técnicas de cenas dramáticas com nível de teatralidade.³

Mas, por sua própria natureza, e desde o seu aparecimento, o cinematógrafo era essencialmente espetáculo: ele exibia suas cenas a espectadores, para espectadores, e implicava assim a teatralidade que ele desenvolveria em seguida através da direção, da mise-en-scène. De resto, os primeiros filmes do cinetoscópio já apresentavam lutas de boxe, atrações de music-hall e pequenas cenas. O próprio cinematógrafo, desde seu primeiro dia, já mostrava o homem que regava as plantas sendo regado pela mangueira. A 'espetacularidade cênica' aparece assim ao mesmo tempo em que o cinematógrafo.⁴

¹ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 13.

² FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

³ MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. (Org.). Campinas: Papirus, 2006.

⁴ MORIN, Edgar. **O cinema, ou O Homem Imaginário: Ensaio de Antropologia Sociológica**. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 69-70.

Muitos historiadores realizam análises sobre o surgimento do cinema, utilizando como fonte, documentos e arquivos datados do século XIX, quando do início do cinema. Ainda conforme Costa⁵ é possível dividir o período do primeiro cinema em duas partes:

A primeira corresponde do domínio do ‘cinema de atrações’ e vai dos primórdios, em 1894 até 1906-1907, quando se inicia a expansão da História do cinema mundial nickelodeons e o aumento da demanda por filmes de ficção. A segunda [fase] vai de 1906 até 1913-1915 e é o que se chama de ‘período de transição’, quando os filmes passam gradualmente a se estruturar como um quebra-cabeças narrativo, que o espectador tem de montar baseado em convenções exclusivamente cinematográficas. É o período em que a atividade se organiza em moldes industriais. Há interseções e sobreposições entre o cinema de atrações e o período de transição, uma vez que as transformações então ocorridas não eram homogêneas nem abruptas.

Em 1905, os distribuidores alugavam filmes para os exibidores e com esta demanda e oferta diminuiriam os custos de exibições a Nickelodeons (combinação de Deon grego, que significa teatro, e os cenários de imagens em movimento Nickelodeon por serem pagos os ingressos por cinco centavos em seus shows Nickelodeon), nos EUA, que tiveram uma expansão exponencial. Assim, pequenos e grandes exibidores espalhados pela América do Norte, tiveram grandes ganhos.

O cinema, como toda arte, possibilita mudanças positivas e negativas no seio da sociedade global, e os valores disseminados tendem a corresponder àqueles dos agentes hegemônicos, atendendo assim a interesses políticos e econômicos. As produções da cinegrafia (processos técnicos para projetar imagens na tela) possivelmente podem ser entendidas como fonte histórica com seus diversos vieses. Suas intenções ideológicas vêm sendo cada vez mais discutidas por pesquisadores. O cinema também pode ser um difusor de cultura, interferindo nos países periféricos como arma ideológica para que sua cultura seja reproduzidas, e seguidas pelos países periféricos e, ainda, contribuindo para construir imagens depreciativas de outras culturas milenares.

De acordo com Marcos Napolitano⁶, “do ponto de vista metodológico, são vistas pelos historiadores como fontes primárias, novas, desafiadoras [...]”. Estas fontes nos possibilitam, por isso, ampliar o campo de pesquisas na atualidade

Ferro⁷, fala ainda que a “divergência possivelmente vem da falta de uma estrutura metodológica e das dúvidas sobre produções cinematográficas, o cinema ainda não era

⁵ COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando. História do cinema mundial. (Org.). Campinas: Papirus, 2006. p. 25-26.

⁶ NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A História depois do papel. In; Pinsky, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 235.

⁷ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 79.

nascido quando a história se constituiu, aperfeiçoou seus métodos, parou de narrar para explicar, a linguagem do cinema revela-se ininteligível”, as novas gerações de historiadores vêm a passos lentos utilizando a filmografia como fonte, estas mudanças fazem com que os historiadores revejam discursos arcaicos, a partir da publicação de inúmeros trabalhos acadêmicos sobre o tema, inovando em suas metodologias. A múltipla produção cultural está batendo na porta e os historiadores permanecem ainda, quase sempre, apenas se adaptando às fontes tradicionais.

O principal debate é até que ponto a filmografia é segura como fonte. Mas é bom lembrar que nada é seguro, nem mesmo os documentos oficiais o são. Tudo tem a intenção de quem escreve: para quê, para quem e porquê; nossas fontes escritas produzem discursos, tanto quanto a filmografia, não há, portanto, fontes neutras.

Mesmo não sendo fidedignas podem retratar muitos acontecimentos históricos nas reproduções de alguns contextos ou processos históricos. As reproduções de histórias bíblicas, por exemplo, se retratam acontecimentos que foram antes de Cristo, como poderiam refletir a realidade como fiel aos acontecimentos passados, são recriações reproduzidas?

As análises filmicas vêm ganhando lentamente espaço como fonte nas instituições acadêmicas, as reproduções têm sempre algo de intencional, ideológico, conflituoso, valorativo, é uma longa lista de mensagens que a filmografia passa aos espectadores.

As dificuldades com as fontes acompanham as mudanças que ocorrem nas sociedades. Muitas se tornam “vencidas” a partir de recriações de novas metodologias e conceitos que reelaboram os trabalhos acadêmicos para alcançar seus objetivos. As fontes orais, por exemplo, ao serem valorizadas pelos historiadores, mais tardiamente, apesar de já serem amplamente utilizadas na antropologia e sociologia.

As produções atuais de documentários, filmografias, cinebiografias e produções ficcionais nos trazem novas referências de interpretação de processos históricos. De modo que se faz possível e imprescindível o cotejamento da leitura histórica destas formas modernas (como a cinematografia) com as fontes escritas tradicionais.

De acordo com Ferro⁸, “o cinema intervém como agente da história, aparecendo, primeiro, como um instrumento do progresso científico, e posteriormente, como meio de propagação de ideologias”. As marcas deixadas pelo cinema no seio da sociedade foram paulatinamente se aprofundando, tornando-se assim, um meio necessário nos processos históricos, um veículo de comunicação e entretenimento de massa mais rápido e eficaz.

⁸ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 13.

Thompson⁹, enfatiza que a “subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais”, toda fonte histórica deriva da percepção humana é subjetiva. As inovações não param, o homem cria e recria sempre as suas tecnologias. O cinema além de ser entretenimento, também pode se tornar uma arma perigosa, que atinge um público bastante significativo no globo.

Com o avanço tecnológico e a popularização de equipamentos de gravação audiovisual (câmeras digitais, celulares), os registros dão voz a uma gama cada vez maior de indivíduos, que podem produzir sem a interferência de diretores, produtores etc. A divulgação destas produções também foi facilitada pelas redes globais de informação, especialmente pela internet (redes sociais, blogs). De qualquer forma, ainda que isso seja uma realidade, persiste a hegemonia dos grandes grupos empresariais na produção, divulgação e exibição cinematográfica.

Os roteiros, ainda que “filtrados” para atenderem de uma só vez o mercado e a disseminação de valores, para serem produzidos, não deixam de serem registros de referência histórica, como fonte para os pesquisadores das várias ciências. Alguns, mesmo apresentado registros muitas vezes desconhecidos oficialmente. Por exemplo, um dado filme que foi produzido antes dos atentados das Torres Gêmeas nos EUA tem os registros das torres intactas, o panorama real antes do atentado. As produções de documentário são outro exemplo de produção com a interferência do diretor elas podem mas não deixa de ser um registro documental. Dependendo da pergunta do pesquisador, a preocupação e descrever do que se trata o documentário e não como será abordado pelo diretor. Conforme Napolitano (2005) a duas formas “de decodificações a primeira e de natureza técnica-estética: quais os mecanismos formais específicos mobilizados pela linguagem cinematográfica, a segunda decodificação é de natureza representacional: quais eventos, personagens e processos históricos nela representados”¹⁰. A apresentação da temática tratada no documentário é o espaço que o roteirista tem para apresentar (filmografia) os principais dados levantados pela pesquisa em relação ao tema proposto.

Neste sentido, o documentário, na nossa análise, é prenhe de argumentos Históricos, sociais, econômicos, culturais e políticos. Partindo desta forma de filme, o pesquisador deve seguir um mapa por onde deve se caminhar na busca do sentido das imagens e dos discursos.

⁹ THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 18.

¹⁰ NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A História depois do papel. In; Pinsky, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 138.

A análise das proposições, valores e conceitos que formam o pano de fundo ideológico do audiovisual são de suma importância. Assim, observar quais são as ideias trabalhadas pelo roteirista das produções e suas intencionalidades, assim como debaterem, delatarem, focalizarem, explorarem as promoções e questionar as obras, são alguns meios que nos guiam. Isto, pois sempre existe um por que em fazer pesquisa e o porquê da produção tanto de filmes como de documentários, no caso desta pesquisa estes motivos se encontram.

Em geral, o que motiva uma produção é a oportunidade de conhecer ou fazer serem conhecidos alguns fatos históricos, mesmo se tornando ficcional ele tem um contato com uma realidade diferente da sua, é deste contato com o outro que nascem as produções.

Assim, cabem ao roteirista traduzir as intenções do diretor com a realização das produções filmicas e do pesquisador ‘buscar’ respostas destas fontes.

2.2. Como o cinema é leitura de mundo e propagador de ideologias

As correntes ideológicas dominantes utilizam - se de diversas mídias para propor uma visão de mundo homogênea ou é própria do ponto de vista particular de suas instituições. Nações fazem prevalecer seus ideais e modo de vida, exaltando sua cultura sobre outros povos.

Nesse sentido, as crenças religiosas têm sido o estopim de guerras ideológicas. As políticas intervencionistas, por exemplo, ficções produzidas com finalidades políticas, utilizam a filmografia para alcançar seus objetivos de demonizar ou criar factoides da cultura árabe.

Nos EUA, os filmes exaltam a solidariedade patriótica, ao passo que muitas das produções sutilmente expressam conteúdos desumanizadores de outras culturas e ideologias religiosas, a fim de desacreditar povos e culturas diferentes, objetivando manipular as massas.

Muitas das produções enfatizam as qualidades positivas da cultura norte americanas, apresentando o outro como bárbaro, como no caso dos filmes ficcionais sobre a cultura árabe e especificamente a religião muçulmana, já analisada por diversos historiadores que veem a desumanização através de filmes e documentários produzidos nos EUA.

Ferro¹¹, afirma que “[...] é ilusório imaginar que a prática dessa linguagem cinematográfica é inconsciente e inocente”, a exemplo disto, temos as produções do cinema iraniano, portadoras de outras ideologias políticas, sociais e religiosas. Estas almejam, com

¹¹ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 16.

abordagem nos seus enredos ficcionais, principalmente após a revolução iraniana, mudanças drásticas dos governos divergentes deste período.

No cinema iraniano a arte foi produzida para intervir na sociedade, diferente do ocidente. Alessandra Meleiro¹² nos faz perceber que as produções cinematográficas têm suas ideologias próprias dependendo, sobretudo, do país que as produzem, o que ocorre muitas vezes para a autoafirmação de determinada cultura ou através de trocas e diálogos trazendo ideologias políticas e religiosas que resulta em benefícios para ambas. Há casos como o do Irã pós-revolução, assim, “com o salto da economia capitalista e a expansão da globalização muitos movimentos fundamentalistas” ganham terreno nas regiões de cultura islâmica, uma revolta contra a modernização:

A produção cinematográfica iraniana contemporânea não se deve apenas a questões estéticas, suas narrativas e significados, podemos identificar evidências de como a cultura dá sentido a si própria, e essa é a concepção de cinema.¹³

Assim, com os problemas enfrentados pelo Irã e as contradições complexas dos governos antes da revolução e pós-revolução, o cinema se tornou um testemunho ocular para os pesquisadores sobre estes lugares. O cinema deixa um rastro visível de inúmeros acontecimentos e age como propagador das ideologias de ambos os governos.

Em 1925, no governo de Xá Reza Pahlavi, almejava a ocidentalização da cultura, usando o cinema para influenciar a sociedade, a partir de filmes ocidentais, ferindo hábitos e costumes milenares, visto como necessários para o desenvolvimento do país.

A vida do iraniano antes da Revolução Iraniana de 1979, era pautada na dinastia Pahlavi a qual em 1925 já havia imposto regras de socialização conforme seus interesses com o Ocidente. A própria experiência cinematográfica já apontava isso claramente. O cinema passou a impor hábitos e costumes ocidentais a um povo com uma tradição milenar e que fora convertido ao islamismo séculos antes.¹⁴

Antes da revolução, os hábitos e costumes pautados por Pahlavi, em 1925, almejavam a ocidentalização da cultura por interesse, demonstrada pelo próprio cinema. O cinema pode ser então, um meio de mascarar a realidade para as massas, ao mesmo tempo em que fascina e inquieta os poderes públicos e privados.

¹² MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

¹³ MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. p. 17.

¹⁴ ISMAIL, Ahmed. **A Escola Jafari (Xiita) e a Ciência do Ijtihad**. 23 set. 2014. Disponível em: <<http://www.arresala.org.br/biblioteca/a-escola-jafari-xiita-e-a-ciencia-do-ijtihad>>. Acesso em: 10 out. 2017.

Por meio também do cinema, passou-se a impor hábitos e costumes ocidentais a um povo cuja tradição é milenar e que fora convertido ao islamismo séculos antes. O cinema produzia e alimentava o imaginário por meio de personagens que representavam auto-identificação. O que havia, no entanto, era uma espécie de ilusão, por parte daqueles que tentavam incorporar estes figurinos no seu cotidiano, a ideia era imitar ou incorporar o americano em tudo, isto era claramente percebido no cinema e nos círculos sociais.

Por sua vez, os Aiatolás trabalhavam no sentido de desconstruir a ocidentalização radicalmente, usando o cinema e todos os meios de comunicação de massa para isso. O interessante observar é que eles tentavam voltar ao passado a partir de aparatos modernos, para chegar aos seus intentos, percebendo a eficácia do cinema, havia grande controle das produções cinematográficas.

Todas as produções passavam por análise prévia, de modo que os filmes que não atendiam à demanda da política orientada pelo Islã ficavam proibidos de serem passados nos cinemas.

A imagem do real pode ser tão verdadeira neles, o problema é a metodologia; através da ficção e do imaginário, trata-se de assinalar os elementos de realidade [...], os filmes de propaganda constituem material da mesma natureza para o historiador.¹⁵

A abordagem filmica geralmente retrata uma determinada cultura para atingir o controle social e transmitir ideologias dominantes da sociedade. Assim, os filmes possibilitam para os historiadores oportunidades de análise, neste sentido fatos históricos relevantes, como o filme “Outubro 1927”, de S. Eisenstein, que foi uma produção encomendada por Stalin para comemorar os dez anos de Revolução Russa¹⁶.

Neste aspecto de produção encomendada se produz uma ideologia particular, ou passa-se para as massas o que precisam saber dependendo da ideologia. Stalin possivelmente ditou o que ele queria, pode ser um discurso de convencimento para dominação.

As imagens e a política reforçam-se entre si. A imagem dos árabes no cinema começou a mudar imediatamente após a 2ª Guerra Mundial e houve três fatores que influíram nessa mudança no cinema hollywoodiano.

O primeiro está relacionado aos conflitos palestino/israelenses, em que EUA têm apoiado Israel. O segundo é o embargo árabe ao petróleo nos anos 1970, gerando conflitos com o governo norte americano, quando os preços do petróleo se elevaram. O terceiro fator se

¹⁵ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 117-118

¹⁶ Data de lançamento: 20 de janeiro de 1928 (União Soviética). Direção: Serguei Eisenstein, Grigori Aleksandrov. Roteiro: Serguei Eisenstein, Grigori Aleksandrov, Boris Agapow. Produtoras: Mosfilm, Sovkino.

refere à Revolução Iraniana, que possibilitou as tensões entre iranianos e americanos. Um dos desdobramentos desse episódio foi o sequestro de diplomatas por estudantes iranianos.

Estes três acontecimentos foram o estopim de muitos conflitos no Oriente Médio e na vida cotidiana dos americanos e juntos ajudaram a modelar a forma com que os filmes estereotiparam os povos árabes e a religião muçulmana.

Os aparatos psicológicos e tecnológicos de dominação da massa se desenvolveram nos EUA, a partir da Segunda Guerra Mundial, usando a filmografia. Os grandes produtores investiram em novas tecnologias e com isso foram produzidos, entre os conflitos, filmes que eram apelos ao imaginário, ao lúdico e ao estético. A política norte americana termina por construir barreiras étnicas, sociais ou de cunho nacional, ao disseminar uma ideologia pretensamente homogênea.

Por vezes, estas regras se refletem no cinema, particularmente durante os anos 80 e 90, quando vários filmes mostravam os palestinos como um povo decidido a atacar a todos, principalmente os americanos.¹⁷

Não há forma de comunicação mais poderosa que o cinema para moldar o imaginário. Alessandra Meleiro¹⁸, faz uma análise crítica das produções cinematográficas em geral.

Para a autora as produções não transmitem a realidade, muitas vezes a realidade não pode ser mostrada (como já citado no caso do Irã), em muitos casos até mesmo as produções no Ocidente são implícitas as abordagens ou se usam de subterfúgios e metáforas, criando distância entre a realidade vista nos filmes com o momento histórico narrado.

O cinema iraniano no período da revolução não teve outra escolha a não ser atender o Estado, ao passo que no Ocidente as produções foram heterogêneas para atender a diversificadas formas de pensamento. No entanto, de maneira final o cinema norte americano reproduz para o seu público os costumes norte americano. Divulgam o seu modo de vida, sob viés da felicidade que temos é adquirido pelo dinheiro. O que temos visto que nenhum país tem êxito sem o apoio ideológico. O que não se rebelam contra os EUA porque pelo seu poderio militar e econômico. A indústria cinematográfica tem o mesmo “DNA” das políticas norte americana, o cinema propagou a cultura imperialista nos anos 60 e 70, no qual os outros países ocidentais seguem este “modo de vida americano”.

¹⁷ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 108-111.

¹⁸ MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

2.3 A influência do Oscar

Entendo que a invenção do Oscar nada mais é que um reforço de disseminação da ideologia americana no mundo da filmografia, haja vista as raras vezes em que outros produtores e artistas de outros países ganharam o prêmio, ao longo da história do cinema. A maior parte destes prêmios foram para os americanos.

Analisando bem muitos filmes estrangeiros, que mereciam a premiação, não foram contemplados, foram indicados, mas não se passou disso.

Oscar, oficialmente chamado de Prêmios da Academia é o maior e mais prestigioso prêmio do cinema mundial, entregue anualmente pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, fundada em Los Angeles, Califórnia, em 11 de maio de 1927. Maiores premiações do Oscar vão para os americanos, este egocentrismo de Hollywood tem o mesmo sangue das políticas intervencionista.

Ainda que o Urso de Ouro de Berlim ou a Palma de Ouro de Cannes tenham um enorme significado para os cineastas e para a comunidade do cinema independente, há quase um século o Oscar é visto por milhares de pessoas ao redor do mundo como um dos eventos mais egocêntricos de Hollywood: repleto de estrelas com roupas glamorosas.¹⁹

A razão desta invenção é exaltar as produções americanas, através da demonstração de poder e capacidade intelectual, afirmação da potência, melhores atores/as, enriquecimento de toda a equipe cinematográfica, demonstração de sociedade próspera, propaganda ideológica do modo de vida americano como vencedor.

Propaganda de si mesmos valorizando seus produtos como os melhores do mundo, os americanos ocultam a rejeição à outros trabalhos, como as produções iranianas, brasileiras, indianas, coreanas, italianas, francesas e russas etc.

Eles vendem a ideia que a felicidade é americana, e as produções cinematográficas são meios bastante usados para este fim. Os americanos se vangloriam de sua cultura, “eles não são tão *Workaholics*, compulsivos em trabalho vivem em uma sociedade extremamente capitalistas e consumistas que oferece a todos, o acesso a comunicações, suas casas têm todos os eletros domésticos necessários, as crianças desde cedo praticam esportes, são patrióticos ao extremos”.²⁰

¹⁹ ESTILO de vida nos Estados Unidos. **Information Planet**. Disponível em: <informationplanet.com.br/intercambio-estados-unidos/estilo-de-vida-nos-estados-unidos/>. Acesso em: 17 set. 2017.

²⁰ ESTILO de vida nos Estados Unidos. **Information Planet**. Disponível em: <informationplanet.com.br/intercambio-estados-unidos/estilo-de-vida-nos-estados-unidos/>. Acesso em: 17 set. 2017.

Desagregam valores tradicionais, fazendo com que o público reproduza os símbolos fílmicos que são direcionados para o consumo, com este modelo de convencimento das massas que são construídos os mitos que rebaixam outras culturas e credos religiosos. Conforme Jack Shaheen²¹, é impressionante o clamor do cinema, ao tornar visível o que muitos de nós parecemos não ver, um padrão perigosamente consistente de estereótipos destetáveis, estereótipos que roubam a humanidade de povos inteiros, com valores culturais diversos.

Após a 2ª Guerra Mundial os americanos passaram a intervir com mais força nos países da América Latina e Oriente Médio. Mais recentemente, em função de inúmeros atentados ocorridos contra nos Estados Unidos da América do Norte e Europa, tem se apresentado muito preconceito em relação aos países árabes e uma de suas religiões, especificamente o Islamismo.

A visão distorcida da cultura árabe e do Islã é disseminada pelo cinema de Hollywood, formando assim, mitos e propagando uma visão desumanizadora das culturas orientais. Muitos filmes foram criados para atender à demanda do mercado internacional e interno, nos quais a capacidade de reproduzir os fatos distorcidos é assustadora.

No entanto, atualmente o telespectador nem precisa sair de casa para ver filmes, os canais abertos de televisão e redes sociais favorecem a rapidez na distribuição das produções audiovisuais, que alcança a massa com maior intensidade e frequência.

A indústria fílmica contribui para a desumanização, dependendo dos contextos históricos vividos entre as interversões políticas. É notável que sempre surjam produções fílmicas retratando estes episódios, com ênfase favorável aos americanos, na medida em que são vistos nos filmes os sintomas de repulsão pelos ‘malvados’ da história aparecem na sociedade global.

Sendo assim, mesmo que o cinema não seja uma fonte fiel aos acontecimentos, ele retrata as intenções ideológicas, as reproduções geralmente têm alguma intenção oculta ou não, as produções interferem na vida das pessoas, os personagens são modelos para o seu público.

E os heróis e bandidos são incorporados por muitos jovens, o qual este meio de comunicação global se torna uma arma ideológica, por vezes mais perigosa do que outras. Pode-se dizer que a arma ideológica é como uma “gota d’água” em uma “pedra que bate até

²¹ FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

furar”, seus efeitos são lentos, mas se concretizam com o meio de comunicação hegemônico. É notável que estatistas utilizem o cinema e outros meios de comunicação como forma de dominação.

Dependendo do trabalho, a cinegrafia possibilita pesquisar e recriar cenários históricos que foram vivenciados, além de que, alguns filmes permitem a criação de perguntas e hipóteses que podem ser respondidas ou analisadas por estudiosos.

A partir das análises dos dois filmes selecionados para este trabalho, “Nova York Sitiada” e “Nunca Sem Minha Filha”, procurou mostrar a xenofobia acentuada nos enredos e a desumanização da cultura árabe, além da chamada islamofobia²² (preconceito contra a religião muçulmana conforme Demant²³).

²² “[...] a islamofobia vem da supremacia WAP - sigla usada para designar a velha elite social de brancos, que estão claramente na defensiva”. Isso alimenta reações fundamentalistas no conservadorismo dos EUA. [...] A rejeição do Islã faz parte desta ideologia. O fundamentalismo cristão, ao contrário das Igrejas modernistas e muitas vezes islamófilas, é uma das fontes a islamofobia nos EUA. A islamofobia tem duas raízes nos EUA: a xenofobia e o terror. Imagens populares negativas do Islã e do Oriente têm parcialmente a mesma origem das que proliferam na Europa. [...] Podemos adiantar que o antagonismo antimuçulmano fundamentalista tem três vertentes: religiosa, étnica e terrorista. “Em primeiro lugar o islã é visto como a falsa fé, postura teologicamente hostil dentro dos EUA”. DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 184-185.

²³ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

3 A CULTURA DO OUTRO

3.1 Possibilidades históricas: razões para os conflitos no Oriente Médio

O Oriente Médio, região orientada pelos princípios revelação do Alcorão, onde a ortodoxia predominava ideologicamente, as guerras imperialistas destruturaram os territórios controlados pelo poder político e militar sob a autoridade do Islã. As mudanças ocorridas nos séculos XVIII e XIX foram de muitos conflitos para o mundo árabe, com a colonização de alguns países e as invasões de Napoleão Bonaparte. Já no século XX, uma parte significativa dos territórios muçulmanos estava subdomínio dos europeus e norte americano, estas áreas tiveram seu vigor social e cultural enfraquecidos pelas investidas e ocupações ocidentais. Conforme Said²⁴,

A vida de um árabe no Ocidente especialmente nos Estados Unidos é desanimadora. Existe um consenso quase unânime de que politicamente eles não existem e, quando é admitido que eles existissem, é como um incômodo ou como um oriental. A teia do racismo, dos estereótipos culturais, do imperialismo político e da ideologia desumanizante que contém o árabe ou o muçulmano é realmente muito forte.

Assim, o Oriente Médio se tornou dividido entre alguns poderes, a ocidentalização liberal, o nacionalismo secular e o modernismo muçulmano, várias razões que culminaram no ódio pelo Ocidente.

1933 foi um ano da grande descoberta de reservas de petróleo no deserto, o que aumentou as possibilidades de conflito na região e tornou a Arábia Saudita um importante ponto geoestratégico do globo. Com a Segunda Guerra Mundial, a influência da América do Norte cresceu em conjunto com a companhia petrolífera americana Aramco, garantido assim o seu acesso. Anteriormente os EUA haviam prometido sua proteção (protetorado) á monarquias dos inimigos interno e externo.

O Oriente Médio tornou-se um campo de cobiça e disputa na Segunda Guerra Mundial. Os nazistas queriam o petróleo e os aliados o protegiam. O Oriente Médio neste contexto entre guerras foi ameaçado pelos nazistas, com a vitória dos aliados em 1942 entram em cena outras fases dessa história, marcadas por disputas pelo petróleo que ficaram cada vez mais acirradas entre as potências do eixo que também dividiu o mundo em dois blocos: “capitalista” e “comunista”. Com isto, aprofundou-se a pobreza nos continentes

²⁴ SAID, Edward. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 38.

subdesenvolvidos, como África, América Latina, Índia e nos países árabes (o antigo 3º mundo). No entanto, a presença ocidental foi se afirmando tanto na Arábia como nestes outros países.²⁵

Os conflitos políticos foram sendo retratada, em enredo de diversas filmografias hollywoodianas principalmente em relação aos conflitos na Arábia Saudita, e especialmente a religião dos muçulmanos.

No contexto político muitos países no Oriente Médio tem um desenvolvimento precário, e a descolonização do Ocidente deixou um rastro de miséria, impossibilitando desenvolvimento sociopolítico pleno.

Em 1978/79 a revolução iraniana volta ao secularismo árabe usando como ponte o islamismo, neste período os EUA, entra com suas forças armadas interferindo nas questões políticas dos países árabes com intensão de preservar o petróleo.

Em 1990/91 a Guerra do Golfo contra a ocupação iraquiana do Kuwait são pontos fulminantes para mais problemas no mundo árabe e a intervenção norte americano. São muitos fatores que foram ao longo da história sendo recriadas nas produções cinematográficas de Hollywood com visão distorcida dos processos históricos.

Nestes contextos históricos da colonização dos países árabes pelo Ocidente, até a atualidade, foram surgindo rivalidades ideológicas, as quais o cinema reproduziu. Nesse sentido, Demant²⁶ afirma que “a estereotipagem esta reproduzida na cultura popular, nos filmes de hollywood, e se encaixa em tradições xenófobas, atualmente, após o fim da Guerra Fria, projetam a negatividade no Islã.

3.2 Construções da desumanização

O cinema vem se constituindo como um meio de comunicação em massa, que atinge milhares de pessoas.

Alguns filmes de Hollywood reproduzem aquilo que almeja visando marcar sua ideologia interna para dominar, retirar e desvalorizar outras culturas, no entanto não sem resistência cultural. A desumanização dos povos árabes vem sendo cada vez mais visível no cinema norte americano o preconceito da religião islâmica fica bem acentuado nas reproduções.

²⁵ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2014.

²⁶ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 185.

Referimo-nos especificamente a dois filmes “Novos York Sitiada” de Edward Zwick (1998) o agente Anthony Hubbard do FBI está tentando acabar com os constantes ataques terroristas que ocorrem em Nova York. Como não obtém êxito, a lei marcial é declarada, e as forças armadas tomam as ruas da cidade. Agora, o FBI e o Exército devem se unir para devolver a paz aos cidadãos de Nova York.

“Nunca Sem Minha Filha” de Brian Gilbert (1991) Betty está casada há sete anos com o iraniano naturalizado americano Moody. Os dois têm uma pequena filha a quem amam muito. Com troca de poder no Irã, Moody decide que é hora de voltar. Contrariada, Betty aceita ir, mas ao chegar lá, descobre foi enganada e que seu marido não é quem ela pensava.

As representações divergentes contidas nestas duas obras representam estereótipos que inferiorizam os árabes e muçulmanos, os colocando como “vilões terroristas”. Segundo Jack Shaheen²⁷, “[...] cada governo estadunidense tem deixado claro de que lado está” (transcrição nossa). Os conflitos no Oriente Médio são seculares por fatos internos e externos, o Ocidente entra intervindo por interesses econômicos e ideológicos, não para proteger a sociedade, nem mesmo como humanistas, “assim como as políticas afetam as opiniões públicas. Igualmente injusto é como Hollywood tem apresentado o conflito entre os árabes como bárbaros, repetidamente nos filmes que retratam os árabes como terroristas fazendo parecer que todos são malvados” (transcrição nossa).

Em “Nunca Sem Minha Filha” uma americana casada com um iraniano, com cidadania americana, ele resolve levar sua família ao Irã com ele, Betty Mohmoody (Sally Field) fica preocupada com a forma que as mulheres são tratadas naquele país, mesmo assim ela vai e descobre que o marido Moody Mohmoody (Alfred Molina), pretende ficar por lá para sempre e que não vai permitir que esposa e filha voltassem para os EUA.

Em “Nova York Sitiada”, o enredo se passa na cidade de Nova York, no Brooklyn (bairro periférico). As filmografias se interagem entre si na relação que ambas mantêm na visão distorcidas das culturas árabes e especificamente do Islam. São produções que legitimam a xenofobia e a islamofobia validada pela filmografia de ficção, com momentos históricos na produção de Nova York Sitiada que foi lançado antes dos atentados ocorridos em onze de setembro e não teve sucesso esperado pelo público, e após os atos terroristas se tornou uma grande atração nacional e internacional.²⁸

²⁷ FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

²⁸ CAMPOS, Fernando. **Crítica:** Nova York Sitiada. Plano Crítico. 7 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/critica-nova-york-sitiada/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

Os mitos formados pela cinegrafia são que o islamismo é uma religião violenta, o que vem sendo construído pela mídia vinculando quem professa a fé islâmica aos atentados terroristas, dando assim sustentação à ideia de que a religião é, por natureza, violenta.

Sabe-se que as religiões monoteístas são historicamente violentas e se impuseram através de guerras. As religiões politeístas e as monoteístas travaram guerras entre si e perseguiram os muçulmanos. Maomé foi obrigado a fugir, e mesmo assim os líderes de Meca tentaram mata-lo e impedir a expansão do Islamismo. Meca era politeísta nesse período, uma pequena cidade de comerciantes e pastores que viviam através festivos cultos aos deuses. Maomé não compactuava com estes cultos e após as revelações do Anjo Gabriel se torna monoteísta. O Islã passa a ser perseguido violentamente nos primeiros períodos históricos, também combatendo e perseguindo seus inimigos religiosos. Não podemos afirmar, por isso, que o islamismo não é mais violento que o Cristianismo e Judaísmo.

Os mitos são construções ao longo dos processos históricos, aos quais se tem manifestado em muitas sociedades antigas, como a mitologia grega que para explicar as causas sobrenaturais, as mitologias construídas pelas religiões monoteístas e politeístas, mitologia que o islã obriga as mulheres usarem o véu etc. São construções culturais que formam dentro de determinadas sociedades para, de um lado, facilitar e proteger as pessoas, e de outro, agredir, desqualificar, quem é de outra cultura.

Em algumas regras do Islã não se oprime, por si, e nem se obriga as mulheres a usarem véu. Podemos mesmo afirmar que ao longo da história a mulher cristã foi mais oprimida que as muçulmanas. Estas últimas, a partir das leis de Maomé, poderiam escolher seus maridos, divorciar-se e ter direitos a heranças, ao passo que as mulheres cristãs somente adquiriram estas liberdades nos períodos mais recentes, após o século XIX.

O islamismo não prega o terrorismo, ele é perseguido e odiado pelas construções ao longo da história em diversas sociedades ocidentais, principalmente nos EUA. Grupo terrorista também tem em outras religiões, como os católicos e protestantes da Irlanda do Norte, praticaram atos terroristas. Outros atos terroristas praticados pelos protestantes dos séculos XVI e XVIII fizeram massacres horríveis em diversas guerras, é fato que diversas religiões perseguem e são perseguidas.²⁹

Foram os europeus quem perseguiram o Islã no Oriente Médio com as cruzadas, o que foi reproduzido pelo filme “Kingdom of heaven (Cruzadas, Reino Celestial)” (2005). Uma das poucas produções que humaniza os islâmicos, este filme foi aplaudido por muitos países

²⁹ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 35-36.

no Oriente, conforme Shaheen³⁰, “este trabalho foi humano, tanto para os cristãos e os muçulmanos que abraçam a tolerância religiosa, maneira justa, respeitosa e honesta”.

Os terrorismos podem ser atos praticados por católicos, islâmicos e protestantes, são ações de violência em que alguns grupos usam a religião ou o nome de Deus para atingir seus objetivos de imporem suas crenças e dogmas.

3.3 A islamofobia e xenofobia: “Nova York Sitiada”

O filme “Nova York Sitiada” (1998) dá um enfoque nos personagens no qual é possível perceber elementos que poderíamos chamar de islamofobia.

“As primeiras cenas do filme mostram a generalização estereotipada dos povos árabes e descendentes, e da religião muçulmana, onde fica subentendida nas cenas de abertura o preconceito. “Hoje, o exército americano foi duramente afetado”, “uma bomba explodiu no quartel em Dharhan na Arábia Saudita”, diz o locutor.³¹

De início, o filme não explica o que o exército americano estava fazendo na cidade, nem por que estava lá. A ficção acoberta a real situação nos países Árabes, possivelmente o ocorrido é baseado nos fatos reais dos atentados ocorridos na embaixada norte americana, na África, no dia sete de agosto de 1998, em Nairóbi, Quênia, Dar es Salaam e Tanzânia.

Os autores dos atentados estavam ligados aos membros locais da Jihad Islâmica Egípcia, Ayman al- Zawahiri, grupos Al-Qaeda que elevaram Osama Bin Laden a líder religioso. O filme foi lançado no mesmo ano dos atentados à embaixada norte americana³².

Já nas primeiras cenas, um general anuncia: “As forças armadas e o exército [...], o abrigo foi atingindo as tropas estão vulneráveis [...], os oficiais da marinha pareciam estarrecidos pelo horror”.³³ Nas colocações do apresentador, ficam lacunas para o imaginário do espectador, que tende a ser preenchida a partir da reprodução de preconceitos, pois a fala deixa margens de terror para quem vê, a interpretação fica a critério do espectador.

No enredo, o presidente continua com seu discurso contra o líder religioso. Com o passar de dois dias, chegam as ameaças terroristas: uma bomba em um ônibus com alarme falso, com um aviso de que querem a devolução do líder. O FBI, que não sabe do caso, tem um agente que é libanês, com cidadania americana, e muçulmano (Tony Shalhoub). Frank

³⁰ FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

³¹ NOVA York Sitiada. Direção: Edward Zwick. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1998. 1 DVD (115 min).

³² Disponível em: <www.lesechos.fr>. Acesso em: 17 out. 2017.

³³ NOVA York Sitiada. Direção: Edward Zwick. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1998. 1 DVD (115 min).

Haddad, esclarece que “o grupo islâmico não tem senso de humor, Hamas está ganhando dinheiro, por que faria isso?”.³⁴

Como se observa, o contexto no início do filme, o general Willians Devereaux (Bruce Willis) desafiou o poder americano em nome da vingança dos atentados na cidade de Dharhan (nome fictício), agindo por conta própria, levando até as últimas consequências seus atos e impulsos xenofóbicos e islamofóbico nas cenas em que o coronel faz divisão da população, mandando os descendentes árabes e islâmicos para serem presos no estádio do bairro.

A partir destes episódios, a longa perseguição pelos imigrantes e descendentes árabes muçulmanos na reprodução filmica fica clara.

Segundo Ferro³⁵ “tradicionalmente, num filme, a força das imagens sobressai-se em relação à do texto”, a primeira impressão parece fazer parte de uma série de atentados que os americanos sofreram no que diz respeito aos terroristas extremistas do Islã e seus atos de violência. O discurso é que estes atos necessitam de uma reação rápida do poder norte americano para demonstrar sua infalibilidade em derrubar seus inimigos. O filme deixa passar a imagem de superioridade em todo enredo, que tem poderes em destruir qualquer um que ameaça sua ‘liberdade’.

No entanto, há três cenas deste filme em que os árabes terroristas são humanizados. A primeira é quando o chefe do FBI Anthony Hubbard (representado por Denzel Washington), pede para soltar as crianças e os terroristas as soltam, quando pede para soltar os velhos, eles abrem a porta do ônibus, e só então há uma grande explosão.

A segunda cena, o chefe Anthony pede a comunicação árabe para ajudá-los, eles colaboram, eles disseram que amavam a América tanto quanto os americanos. Este personagem é uma sombra não tem seu rosto revelado, permanece oculto, na história (o ator apenas reproduz o diálogo da comunicação árabe), percebe-se um sujeito que o roteirista põe a fala em sua boca, um diálogo típico do cinema hollywoodiano, ato de submissão.

A terceira cena de humanização foi com o agente Frank muçulmano com seu filho americano de quatorze anos, brincando em uma mesquita, o pai afaga o filho e a esposa sorri para a família, nesta representação de uma família típica americana feliz normal.

Entra em cena outro sujeito é como primeiro suspeito um professor Samir (Sami Boujila), ele faz revelações a Elise (Annette Bening), de que seu irmão não tinha perspectivas de vida além de ver filmes, então o xeque aparece e para ele que viver preso seria a morte, que morrer por Allah é bonito, assim fosse iria para o Paraíso com setenta virgens.

³⁴ NOVA York Sitiada. Direção: Edward Zwick. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1988. 1 DVD (115 min).

³⁵ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 48.

Nesta cena não foi possível notar, de início, mas Samir falava de si mesmo ao mesmo tempo, como um sujeito dominado pelo Islã, e o Islã é colocado como tendo uma fé que corrompe os jovens vulneráveis. Nesta cena o islamismo fica sendo imposto como culpado pelos atentados terroristas: Samir conta para Elise sobre seu irmão “Então colocaram dinamites no peito dele, ele foi ao cinema”.³⁶

No Corão não são encontradas mensagens que glorificam o suicídio e o assassinatos de inocentes. Nas mensagens de Allah, pelo contrário, há condenação de tais atos, tidos como injustiças.

O cristianismo foi perseguido durante trezentos anos, e após ser oficializado por Constantino passou a ser perseguidor dos islamicos. Depois, séculos em diante com as cruzadas, a “guerra santa” significou a morte de milhares de muçulmanos e saque de suas riquezas materiais. Na Idade Média, as perseguições continuaram com a inquisição mantado inocentes, que eram suspeitos de bruxarias, ou judeus.

Alguns seguidores do Islã, interpretam o Alcorão conforme as suas necessidades políticas e de vingança, matando em nome de Deus. São os extremistas, que não devem responder por todo o corpo da religião, muito menos terem suas ações generalizadas, como se todos muçulmanos matassem em nome de Deus.

É importante ressaltar que estas duas religiões, cristianismo e islamismo, têm as mesmas bases na sua propagação, pois viveram momentos de disputas, afirmação de valores, visando dominação no campo político e econômico. As mensagens do Alcorão não pregam atos como matar, roubar, ser injusto, pelo contrário, há mesmo diversas passagens que são empréstimos da Bíblia sabemos que, não é a religião quem mata, mas são pessoas que matam em nome da religião e de Deus.

Sobre o suicídio a mensagem do Islã deixa claro suas leis no Alcorão.

[12] suicídio. Allah S.W. T E não vos mateis. Pro [sic] certo, Allah, para convosco, é Misericordioso. E a quem faz, com agressão e injustiça, fã-lo-emos entrar no fogo. E isso, para Allah é fácil. [4:29-30]. O profeta disse S.A. W: ‘Quem se mata com algo será punido com este mesmo algo no Dia da Prestação de Contas [Muslim].³⁷

O seguidor do profeta é fiel às leis do Alcorão, no entanto, muitos fazem da religião o suporte para concretizar seus objetivos pessoais ou desvirtuar os dogmas de boas intenções de muitos religiosos. Nem todos terroristas são muçulmanos, nem todos muçulmanos são terroristas.

³⁶ NOVA York Sitiada. Direção: Edward Zwick. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1988. 1 DVD (115 min).

³⁷ AL-SHEHA, Abdurrahman. **A Mensagem do Islam**: Muslim. Tradução: Ninevah Barreiros. p. 168.

Conforme Demant³⁸ nos países árabes, nem todos são muçulmanos; na América do Norte tem a estimativa de cem mil brancos de classe média convertidos ao Islã, as nações islâmicas são diversificadas, elas continuam se expandindo globalmente, tanto os países islâmicos ou no islã tradicional.

Sahenn³⁹, ainda reforça as ideologias filmicas que produzem as estereotipagens:

A estereotipagem está reproduzida na cultura popular, nos filmes de Hollywood – do ‘xeique’ Rodolfo Valentino até o Sábado Negro dos terroristas palestinos – se encaixa em tradições xenofóbicas, anticomunistas, ante Negras, antissemitas e ante asiáticas, e que atualmente, após o fim da Guerra Fria, projetam a negatividade no islã.

Muitos terroristas são os próprios norte-americanos ligados aos fundamentalistas, são algozes de seu próprio país. Predominam, nestes casos, os jovens recrutados pelas facções terroristas.

O sentimento de piedade de Elise é mostrado, para que o espectador não desvie a sua atenção do símbolo fraternal, o movimento da câmera enfatiza para o espectador o quanto o Islã é perverso, com as pessoas e se aproveita da fragilidade humana principalmente dos jovens, recrutando-os. Assim, ao mesmo tempo em se que transmite piedade, Elise também representa ao espectador angústia.

Segundo Ferro⁴⁰ “o filme tem essa capacidade de desestruturar aquilo que gerações de homens de Estado e pensadores conseguiram ordenar num equilíbrio”. Então, planos do coronel de fazer da cidade um campo de batalha para demonstrar a potência do exército reflete a situação que vem ocorrendo nos EUA, nos últimos anos, principalmente após os atentados de 11 de setembro de 2001: uma busca desenfreada de capacidade e poder que são transferidos nas reproduções de Hollywood. As imagens do filme deixam os reflexos da sociedade em relação aos árabes muçulmanos, onde predominam o desprezo e o medo que sentem destes povos.

A princípio, o filme parecia uma crítica ao poder do exército americano, no entanto a maior parte das cenas se fixou no rebaixamento dos povos árabes muçulmanos, a cena em que todos os imigrantes e descendentes muçulmanos que são presos no estádio parece uma reprodução do campo de concentração nazista. Conforme as análise de Shaheen⁴¹,

³⁸ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 185.

³⁹ FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

⁴⁰ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 86.

⁴¹ FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

Desgraçadamente a imagem popular dos judeus na propaganda nazista se assemelhasse à imagem popular dos árabes em alguns de nossos filmes de Hollywood. A única diferença é que o árabe geralmente usa túnica e turbante.

Imagem 1 – Cena de Nova York Sitiada



Fonte: NOVA... (1988).

As cenas não desvencilham da desumanização e nem deixam de associar os muçulmanos árabes ao terrorismo, atos terroristas são praticados por diversas pessoas de qualquer cultura ou credo religioso ou não. Em uma entrevista de um árabe muçulmano para o repórter Daniel Greenfield no jornal David Horowitz Freedom Center, ele afirma:

[...] os radicais dizem que: os terroristas muçulmanos não matam as pessoas por causa de Alláh, do corão ou do califado. Eles matam porque, como todos os povos do terceiro mundo vitimados pelo colonialismo, são oprimidos [...], os opressores muçulmanos são, na verdade, os oprimidos⁴².

Esta frase lembra Freire, que deixa claro as ações dos oprimidos em relação aos opressores, esta reflexão enquadra bem nesta reportagem, mesmo no contexto deste trabalho que é o cinema, a produção deixa claros os oprimidos e os opressores na filmografia norte americana.

A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como ‘seres para si’, esta luta pela humanização somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos. [...] O ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sintam

⁴² GREENFIELD, Daniel. **Porque a esquerda não consegue entender o islamismo**. Beth-Shalom. Disponível em: <www.beth-shalom.com.br>. Acesso em: 5 mar. 2017.

opressores, nem se tornem, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos [...] ⁴³.

Imagem 2 – Cena de Nova York Sitiada



Fonte: NOVA... (1988).

Os papéis secundários são representados pelos árabes muçulmanos, na maior parte de filmes relacionados a atentados terroristas são estereotipados e reafirmados nas imagens, a câmara foca bem os trajés, os traços para ficarem bem marcados o semblante dos rostos dos suspeitos, e os atores que representam os papéis são geralmente de traços árabes, para ficar mais evidente o sujeito para inserir nas narrativas. Bruce faz uma representação da prepotência americana como o coronel.

Em uma cena ele vandaliza a loja do comerciante, o prende espanca e mata friamente, depois diz “não existe nada pior para a moral de um povo do que uma situação como essa, o inimigo estará errando se duvidar dessa decisão, vão encontrar o pior combate da história”. ⁴⁴

Estes discursos são reproduzidos no cinema, por serem o pensamento americano, nos próprios discursos de presidentes como Bush, Clinton e Regan, são discursos que simbolizam o domínio bélico dos EUA.

O comerciante foi punido por representar os povos árabes muçulmanos servindo assim de exemplo para os outros, o coronel demonstrou sua capacidade de um assassino cruel e racista e islamofóbico. Os gestos do coronel são focados pela câmara quando ele sai da sala onde assassinou Abdul, como se estivesse matando uma barata. Mesmo com os apelos do chefe do FBI, dizendo “o quanto é sórdido os métodos do general, a agente Elise que é

⁴³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Edições e Terra, Ed. 1970. p. 41.

⁴⁴ NOVA York Sitiada. Direção: Edward Zwick. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1988. 1 DVD (115 min).

especialista em assuntos terroristas diz que Abdul era inocente” não faz parte do vocabulário do coronel se era inocente ou não Abdul era árabe esta era sua culpa”.⁴⁵

O exército representado no filme faz uma recriação do real, como disse Ferro⁴⁶, não existem filmes inocentes, o cinema passa a ser uma reprodução do pensamento de uma determinada sociedade dos ideais políticos e econômicos, são representações que inundam o imaginário na contemporaneidade, tendo reflexos do passado histórico dos árabes que foram deturpados desde o início da história do cinema Hollywoodiano, Ferro⁴⁷ ainda sinaliza as ideologias da filmografia.

Esses lapsos de criador, de uma ideologia, de uma sociedade, constituem reveladores privilegiados [...], eles podem se produzir em todos os níveis do filme, como também em sua relação com a sociedade [...], bem como suas concordâncias ou discordância com a ideologia, ajuda a descobrir o que está latente por trás do aparente, o não-visível através do visível.

Quando todos os eventos são cancelados, e as prisões continuam sendo efetuadas, um representante do presidente conta para o agente do FBI, que foi Devereaux (o coronel), quem pegou o xeique. Neste intervalo Sheron (Elise) a agente conta que operou na rede do Iraque por dois anos, Samir os recrutou e esta os treinou para derrotar Saddam: um ato de covardia que entra no contexto, mais uma vez, da história distorcida.

Conforme Manji, em uma entrevista, a dona de casa diz que: os americanos tem uma falsa moralidade que apresentam ao mundo. os problemas são ocultos, a reprodução não deixa visível muitos episódios macabros da história política americana.

[...] a Síria, faz comercio com os Estados Unidos - o comércio repugnante que outros países muçulmanos também fazem. Washington a contrata para torturar presos políticos suspeitos de ser terroristas. Os Estados Unidos podem dizer que tem um a ficha relativamente limpa no tocante a direitos humanos⁴⁸.

Samir, neste momento, vê pela tv os árabes negros e brancos, cristãos e muçulmanos, Elise pergunta “por que”? Samir diz: “isso é trágico, um alvo perfeito para um ataque”.⁴⁹

Mais uma vez Samir é um personagem traidor, Elise cai na armadilha dele, uma moça íntegra que representa a virtude de mulher americana com princípios éticos.

Samir é a última célula sem que ela suspeita, as últimas cenas poderiam ter humanizado Samir, porém foi totalmente renegado apesar de seus argumentos sobre o

⁴⁵ NOVA York Sitiada. Direção: Edward Zwick. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1988. 1 DVD (115 min).

⁴⁶ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

⁴⁷ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 88.

⁴⁸ MANJI, Irshad. **Minha briga com o Islã**. O clamor de uma mulher muçulmana por liberação e mudança. [trad.] Dinah de Abreu Azevedo. Brasília: Editora Francis, 2004. p.143-144.

⁴⁹ NOVA York Sitiada. Direção: Edward Zwick. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1988. 1 DVD (115 min).

sofrimento de seu povo e do líder que não foi identificado como culpado ou não dos atos terroristas nas embaixadas americanas, da ficção.

No final o agente do FBI prende o general por violar as leis e solta os prisioneiros, o povo grita sem medo! Estes gritos representam que a liberdade está salva do coronel ou dos terroristas, quando a câmara foca o povo saindo do estádio percebesse que o coronel foi o maior terrorista retratado do filme, tanto quanto os islâmicos radicais.

Imagem 3 – Cena de Nova York Sitiada



Fonte: NOVA... (1988).

A câmara foca no rosto do coronel, que tem uma expressão fria, sem arrependimento dos seus atos, o agente mostra a outra face dos americanos, cheio de complacência e decência, atos de que são capazes de ter fidelidade às normas humanas. O agente do FBI (Anthony) tem uma posição oposta do coronel, homem justo, profissional de capacidade exemplar.

3.4 Representação do feminino: “Nunca Sem Minha Filha”

A reprodução da ideia de uma família americana feliz harmoniosa na América do Norte fica explícita no filme “Nunca Sem Minha Filha”, entretanto quando esta família chega ao Irã esta imagem começa a ser focada pela câmara onde os iranianos são abordados de forma estereotipada.

No primeiro encontro de Betty, esposa do iraniano (Sally Field), e a família de seu marido, há destaque para o choque cultural. Conforme Demant⁵⁰,

⁵⁰ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 354.

[...] Na problemática do choque das civilizações, o conceito há autênticos problemas de convivência entre o islã e a modernidade ocidental, mas que existem igualmente recursos e precedentes de comunicação e coexistência intercivilizacional”. O que move o confronto entre os mundos muçulmano e ocidental é uma questão de poder e acesso a recursos não menos do que de cultura.

O sacrifício do animal dando boas vindas, as roupas que Betth terá que usar, cobrir os cabelos são práticas culturais e da imposição política vigente do Aiatolá Khomeini.

As mulheres que participaram da Revolução e têm participação de voto garantido posição garantida de cidadãs e pessoas físicas, são conceitos não aceitos pelo Ocidente que as vê lutando pela sua própria opressão, é cultura milenar as quais o Ocidente não consegue ver, as ideologias religiosas e culturais, pois estas levam muito mais tempo para sofrer alterações. As normas sociais estruturadas há vários séculos, destes povos, não se desfaz rápida e facilmente. O ocidente a partir da ideia “civilizatória”, intervém nas culturas dos outros colocando os como atrasados ou bárbaros, o estranhamento cultural é uma das alavancas dos preconceitos humanos.

A representação feminina antes da Revolução Islâmica era vista pelo Ocidente como passivas em relação às atividades sociais e políticas. Com a vitória do Iman Khomeini, as mulheres ganharam um outro *status*, tornando-se mais ativas social e politicamente, conquistando seu espaço e garantindo uma posição mais digna na sociedade. Em relação aos seus direitos civis estas conquistas foram de suma importância no papel feminino no processo da Revolução Islâmica. A primeira presença feminina se deu neste papel foi com sua participação ativa na nos protestos de ruas juntamente com os homens, e sua participação na guerra contra o Iraque que durou quase dez anos. As identificações de mulheres com a Revolução Islâmica ganharam um aspecto multidimensional, ao contrario á que estavam acostumadas nos períodos anteriores. Este olhar sobre as questões das mulheres transformaram a partir da Revolução Islâmica, anteriormente elas praticaram movimentos feministas no modelo ocidental, tiveram êxito em alguns aspectos na sociedade elevando o espírito feminino para a libertinagem dentro dos moldes pregados pelo Islã. Estas manifestações do movimento foram consideradas como desumano pelos líderes religioso de duas vertentes, os tradicionalistas que pregam que o papel da mulher é insignificante, os mais liberais que aceitam as mulheres na vida social e política. As representações do feminino dentro do conceito islâmico elas são vistas como recatadas, correto e realista, as leis política orientada pelo Alcorão, as distanciaram do feminismo baseada no modelo ocidental.

Iaman Khomeini se opôs ao diálogo vulgar e impôs valores do Islâmico, incluindo os que restavam à postura das mulheres. Estes processos geraram duas vertentes, entre ideológicas, da representação da mulher na sociedade, em uma delas as mulheres são inferiorizadas e são proibidas de participarem em atividades sociais, culturais e política. Em outra vertente mais flexível ela tem autonomia em diversificada participação na sociedade, porém nem tanto quanto os homens.

À esta imagem se junta a submissão das mulheres, fazendo parecer que elas não avançaram no tempo, mas” Hollywood fez mudanças de dançarinas do ventre passaram a ser mulheres bombas, as mulheres passaram a representarem perigo, tanto quanto os homens, até mesmo crianças são apresentadas como ameaças”.⁵¹

A câmera foca os olhares hostis entre a duas mulheres a irmã de Moddy para Betty, que fica constrangida, um estranhamento cultural de ambas as mulheres de cultura disputando o mesmo homem que é importante para as duas mulheres.

Os dois filmes aqui trabalhados, “Nova York Sitiada” e “Nunca Sem Minha Filha”, marginalizam os árabes em espaço de tempo dos filmes de oito anos entre eles, “além dos papéis secundários representando pelos árabes sem virtudes, ficam mais evidente o outro na narrativa depreciativa, caluniados, desumanizados assim o cinema constrói mitos que se tornam uma “verdade” para os espectadores”

Os povos árabes são pessoas que sofrem, amam, choram pelos seus familiares, nos filmes lhes são negados sentimentos humanos, “Hollywood não deixa dúvidas na sua ligação política com objetivos de desumanizar um povo” e sua religião especificamente o Islã.⁵²

⁵¹ FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

⁵² FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

Imagem 4 – Cena de Nova York Sitiada



Fonte: NOVA... (1988).

Imagem 5 – Cena de Nunca Sem Minha Filha



Fonte: NUNCA... (1991).

Nas cenas divergentes, mas que fazem um grande sentido, em “Nova York Sitiada”, o quadro evidência o caos da cidade em chamas, terror, pânico e desordem, na filmografia de “Nunca sem Minha Filha”, uma bomba explode e Betty pergunta para Moody seu esposo “o que foi isso”? Ele responde “seu país quem soltou esta bomba”⁵³, a câmera não registra o caos que uma bomba faz nem aparece a cidade onde ocorre o desastre feito pelos americanos.

Esta cena, negada, não incomoda o espectador, que sente o que vê, ao contrário de “Nova York Sitiada” que choca com o visível, mas o invisível não causa terror nas pessoas.

⁵³ NUNCA sem minha filha. Direção: Brian Gilbert. Estados Unidos: Pathé Entertainment, 1991. 1 DVD (116 min).

O estranhamento de Betty sob os olhares das famílias para Moody, ela disse que são primitivos, ele lhe responde “por que não são seus familiares”, para amenizar sua colocação ela diz que são culturas diferentes, ele reclama da postura que ela não compreende.⁵⁴

Halbwachs⁵⁵ diz que “os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e essa resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo se apoia nas imagens”.

Moody explica que “está americanizado”, para a família dele, a câmera foca os dois em ângulo frontal quando ele sorri e diz “que sua família pensa que os dois fazem sexo toda hora porque tomam três banhos por dia”⁵⁶, hábitos americanos (os muçulmanos só tomam banho para rezar para tirar as impurezas do corpo).

Quando Moody conta para a esposa que foi demitido do hospital onde trabalhava e o quanto era sem apoio dos colegas por ser iraniano, a câmera foca bem o rosto de Betty, que parece não ouvir o marido, e arruma as malas para voltar, mas nesse momento ele disse que não voltariam mais.

Betty fica mais alarmada com a notícia que ficariam no Irã, não dando a importância do desabafo do esposo, ela deixa bem claro nesta cena que sua cultura é mais importante que outras.

A história de Betty reflete realidades de diversas mulheres que casam sem conhecer a cultura dos árabes. São culturas completamente diferentes, então quando elas chegam nos países árabes não conseguem conviver com a cultura e as leis de que são outras, muitas vezes se opondo aos valores ocidentais.

Sem compreender a cultura há grande dificuldade de inserção na sociedade, então o estranhamento, os estereótipos e a marginalização do outro tendem a ser as impressões iniciais. O cenário aterrorizante do deserto mostrado pela câmera focando a obscuridade representada no filme, não possibilita ver a paisagem deixando o espectador angustiado, fazendo se sentir inseguro e com medo, juntamente com Betty e sua filha, que tentam sair do país enfrentando muitos obstáculos, ao longo desta fuga.

⁵⁴ NUNCA sem minha filha. Direção: Brian Gilbert. Estados Unidos: Pathé Entertainment, 1991. 1 DVD (116 min).

⁵⁵ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 162.

⁵⁶ NUNCA sem minha filha. Direção: Brian Gilbert. Estados Unidos: Pathé Entertainment, 1991. 1 DVD (116 min).

Imagem 6 – Cena de Nunca Sem Minha Filha



Fonte: NUNCA... (1991).

O deserto geralmente é representado como ameaçador, os vilões árabes são as reservas que os cineastas utilizam são retratados nos filmes como as piores espécies de seres humanos, todos os estereótipos são encontrados nestes dois filmes.

Imagem 7 – Cena de Nunca Sem Minha Filha



Fonte: NUNCA... (1991).

Na fuga Betty sofre tentativa de estupro, um guarda aparece e a protege, o agressor foge, nesta cena parece haver uma certa humanização, é retratado que nem todos são iguais, elas seguem para as montanhas montadas em um burro, uma representação da pureza norte americana, são entregues a outros protetores até chegarem no seu destino, a embaixada dos EUA. Quando o filme termina refletimos, o quanto são perigosos os povos árabes. Conforme

Shaheen⁵⁷, “São visões de nossa pisque? “[...]” palavras como árabe e muçulmano são percebidas como palavras ameaçadoras, e se as palavras são ameaçadoras, o que se passa com as imagens que vemos no cinema”.

Muitas imagens são negadas sobre a cultura do Oriente, o filme demonstra a dualidade entre “vilões” e “mocinhos”, quando são produções sobre conflitos entre povos palestinos e povos iranianos (ou outro país oriental), de tal modo que compreendemos a existência de um interesse estadunidense na retratação destes povos desta maneira, ou seja, Hollywood é reprodutor de uma ideologia.

As marcas deixadas pelos antecedentes históricos são muito profundas, geradas pelos mitos do cinema. Estes mitos contribuem para a propagação da islamofobia (que foi construída pela elite branca cristã).

Após os atentados de 11 de setembro, a política, juntamente com Hollywood, produziu uma grande quantidade de filmes que estereotiparam a cultura árabe. Surgiram massificadas reproduções desumanizando os árabes e muçulmanos, muitas destas obras fílmicas foram baseadas em relatos de vítimas, essas recriações sobre o caos, em nenhuma delas foram apontados os sofrimentos dos imigrantes e descendentes árabes e muçulmanos, os quais passaram a ser perseguidos e humilhados, a islamofobia chegou a seu ápice onde estes contingentes de pessoas também enfrentaram o racismo e preconceito por suas etnias e religiosidade.

Como a caçada de Bin Laden, as reproduções da destruição das “torres gêmeas”, o filme “Nova York Sitiada” teve uma repercussão extraordinária depois do episódio, sendo visto por milhares de cidadãos americanos.

O filme “Nunca sem minha filha”, foi uma história baseada em fatos reais, porém no ponto de vista de uma ocidental. Neste filme, não há referência à história da Revolução Iraniana, em que os EUA tiveram participação ativa em tentar barrar o secularismo e sua participação em massacrar pessoas inocentes. No filme, as explosões das bombas os efeitos são ocultados.

No filme, Betty foi vítima de um homem, pois este tinha a chamada “dupla personalidade”: ora se portava como um muçulmano ortodoxo, ora um americano tradicional.

As pessoas não mudam sua personalidade, ele era muçulmano, pai e marido. Ele não deixou jamais de ser o que era. Betty teve foi um choque cultural muito grande por ser leiga em relação à cultura do povo iraniano.

⁵⁷ FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

Moddy resgatou sua cultura, a qual no seu país se sentia livre, por ser o que eram os hábitos e costumes iranianos e a religião eram mais afloradas sem preconceitos sem limites para se manifestarem, na América, Moody se sentia um prisioneiro, visível nos relatos dos personagens. Tanto que Betty também se sentiu o mesmo quando chegou ao Irã, os olhares dos parentes voltados para ela, fazendo-a se sentir oprimida, e criticada por ser ocidental, são fatos que mais agravaram as situações do casal, quanto ao choque cultura.

Betty não tinha se preparado para ir morar no Irã, e quando se depara com situações de enfrentamento cultural, ela pensa em todo instante em voltar para seu país de origem.

3.5 Reflexões sobre o filme “Nova York Sitiada”

As políticas das filmografias Hollywoodiana em relação aos povos árabes e especialmente a religião muçulmana, possibilita perceber que não são somente por objetivos artísticos e econômicos, no entanto nota se difusão de ideologias que caracteriza a desumanização nos enredos preconceituosos dos filmes.

Políticas que a islamofobia e o racismo são difundindo contra outras culturas, são reproduções que massificam e interfere na sociedade de forma adjetiva do outro sujeito.

No entanto são propagadores de seu próprio heroísmo e patriotismo que exageradamente é sobre humana, que ultrapassam a todas as outras sociedades ninguém se pode compara-los, os “super-heróis” criados nos desenhos animados e filmes heroicos.

O cinema se tornou uma ferramenta a ser utilizada visando a propagar ideologias em conjunto com os governos dependendo do interesse políticos e econômicos de muitos países, que utilizam a cinegrafia como ferramenta para alcançarem seus objetivos.

Como o já citado episódio do atentado de 11 de setembro, ocasião que deu origem a reproduções filmicas sobre árabes e muçulmanos.

A filmografia com marca hollywoodiana acentuou com requinte nos cenários nos países árabes como nas filmografias de “O Homem Mais Procurado do Mundo” (2012), “A Hora Mais Escura” (2013) e “13 Horas: Os Soldados Secretos de Benghazi” (2016), estas produções provavelmente são reflexos do “orgulho ferido” dos norte americanos, porque suas narrativas deixam evidências de como o preconceito e a islamofobia são construções da ideologia em conjunto com o governo e Hollywood⁵⁸.

⁵⁸ O HOMEM mais procurado do mundo. Direção: John Stockwell; (90 min). Estados Unidos: Voltage Pictures/The Weinstein Company, 2012. 1 DVD (90 min).

Conforme Meleiro⁵⁹, a filmografia influencia a ideologia pregada a partir desta análise.

O cinema não reflete nem registra a realidade; como qualquer outro meio de representação, ele constrói, e “reapresenta” seus quadros de realidade por meio de códigos, convenções, mitos e ideologias de sua cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação. Assim como o cinema atua sobre os sistemas de significado de cultura- para renova-los, reproduzi-los ou analisa-los- também é produzido por esses sistemas de significado [...].

O filme “Nova York Sitiada” deixa bem transparente o personagem do major general (Bruce Willis), um xenofóbico islamofóbico que representou o papel maior de terrorista, nas cenas que a câmara foca bem seu perfil quando assassina o comerciante Abdul Hassan a sangue frio seu ódio é transparente é notado que se possível ele massacraria os prisioneiros do estádio, esta cena foca bem sua ironia quando o agente do FBI Anthony (Denzel Washington), o critica pelos seus atos abusivos. Logo em seguida o major general começa a interditar o FBI nas buscas pelos terroristas, quando o general, percebe a integridade de Anthony, o general não deixa o agente livre, para que ele possa agir ‘no seu campo de guerra contra os árabes muçulmanos, sem intermediários.

Anthony age de forma racional por procurar provas contundentes, e humano não fazendo julgamentos precipitados, para chegar aos responsáveis pelos atentados terroristas mesmo quando seu quartel foi atingido e matando seus amigos e colegas, ao contrário do general que fez do bairro de Brooklin no distrito de Queens, em um campo minado. A câmara focaliza a chegada do exército no bairro, sendo hostilizadas pelos moradores, o qual o maior contingente de pessoas são imigrantes árabes, e descendentes muçulmanos, “coincidência dos moradores serem orientais”.

Quando a câmera marca bem o estado de sitio do bairro fica explicito o caos causado pelos atentados terroristas, “que o general causou”, é perceptível nestas cenas o quanto ele se sente feliz em destruir os “inimigos”.

Os fatos que antecederam os atentados desaparecem praticamente do enredo, o “sequestro do líder religioso”.

Os objetivos foram bem pontuados ao longo do filme, com Samir (Sami Bouajila) e Elise (Annette Bening) uma agente americana que ajudou e ensinou um grupo islâmico apoiado pelos EUA a montar bombas, sem explicação convincente, os EUA deixaram de apoiar estes grupos.

⁵⁹ MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. p.18.

Os Estados Unidos são odiados no Oriente Médio por causa de seu apoio acrítico que soma mais de US\$3 bilhões a US\$4 bilhões por ano, sustentando incondicionalmente a ocupação israelense nos territórios palestinos, incluindo o fornecimento de helicópteros, caças F16 e mísseis usados para reforçar a ocupação.⁶⁰

Samir continuou como informante e amante de Elise. A desumanização foi bem clara nesta cena quando chegando ao fim da trama Elise descobre que Samir era a última célula terrorista, ele a mata quando ela tenta convencê-lo a desistir, possivelmente ele atacaria a multidão de manifestantes que ele havia visto pela televisão quando ele disse: “este seria um alvo perfeito, negros, brancos, católicos e muçulmanos todos junto”, o agente o mata, Samir morre como um terrorista perigoso, fica uma lacuna neste episódio, a causa dos atos terroristas foram por dois motivos pelo líder religioso e o ódio pelo os EUA por tê-los abandonado no Oriente, nesta cena a câmara focou bem o ódio de Samir pelos americanos, estas imagens ficaram bem marcadas no personagem representado por Sami Bouajila. Elise tornou-se uma heroína americana que tentou salvar a pátria, no entanto com a consciência pesada por ter ensinado o grupo terroristas a montar bombas.

Sobre esses grupos que foram treinados pelos EUA a montar bombas o professor e intelectual palestino radicado nos Estados Unidos Edward Said avaliam que:

O orientalismo deriva de uma proximidade particular que se deu entre a Inglaterra e a França e o Oriente, que até início do século passado significara apenas a Índia e as terras bíblicas. A partir do início do século XIX até o final da Segunda Guerra Mundial, a França e a Inglaterra dominaram o Oriente e o orientalismo; desde a Segunda Mundial os Estados Unidos têm dominado o Oriente, e o abordam do mesmo modo que a França e a Inglaterra o fizeram outrora. Achar que o Oriente foi criado- ou, ‘orientalizado’- e acreditar que tais coisas acontecem simplesmente como uma necessidade da imaginação é agir de má fé. A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder; de dominação, de graus variados, de uma complexa hegemonia, e é indicada com total precisão.⁶¹

Os personagens de Anthony e Frank Haddad (Tony Shalhoub), que era sírio com cidadania americana foram marcantes representando o lado humano, com companheirismo fidelidade independente das raízes cultural e religiosa.

A dignidade humana aflorou entre os dois agentes, mesmo quando o filho de Frank vai preso, Anthony apoia seu amigo. Anthony não permitiu que o ódio e a raiva o dominasse fazendo acusações sem provas concretas ele sentia se frustrado em não poder fazer quase nada pelos árabes e descendentes muçulmanos acusados diretamente pelo general.

⁶⁰ A POLÍTICA EXTERNA dos Estados Unidos no Centro do Atual Drama do Povo Americano. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=360>>. Acesso em 10 jul. 2016.

⁶¹ SAID, Edward. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 16-17.

As diferenças entre documentos oficiais e filmes colaboram para compreender a ideologia de uma determinada sociedade, os crimes cometidos pelo general no filme provavelmente são os reflexos da política americana.

Conforme Shaheen⁶² “[...] o estereótipo tornou-se tão generalizado que está ficando invisível para as pessoas e a razão é que todos crescemos com estas imagens [...]” a aparências do personagem do filme depõe contra os árabes descendentes e muçulmanos, para que sejam acusados sem precedentes, mas quem havia provocado toda a crise teria sido um americano o general.

Está reprodução fílmica levou quatros meses para ser concluída, após os atentados nas embaixadas e outros fatos históricos ocorridos nos anos de 70 a 85 no envolvimento dos EUA nas intervenções nos países árabes.

Conforme Meleiro⁶³ “[...] a propaganda da indústria cinematográfica norte americana tem buscado instilar nas mentes de públicos internacionais através da força sugestiva dos filmes [...]”. No entanto, a filmografia expõe os árabes, principalmente os sauditas como algozes desumanizando a cultura e a religião deixando visível a perseguição hollywoodiana, suas reservas de modelos de vilões utilizados nas produções fílmicas. Os estereótipos muitas vezes são sutis nas filmografias, rebaixando os islâmicos mesmo sendo estadunidenses são classificados de terroristas de Allá. Um grande mito surgiu nos anos de 70, que os árabes iriam invadir o ocidente, tudo isso foi recriado com uma produção racista de Net Work, Sideney Lumiet, o filme Rede de Intrigas lançado em 1976.

Meleiro⁶⁴ aponta que,

[...] o cinema, como o meio de comunicação mais efetivo do mundo contemporâneo, tem desempenhado um importante papel em instruir nações, mas tem também servido como meio de escravização e exploração cultural de povos de países em desenvolvimento.

Continua a desumanização e a formação de mitos, readaptado de uma história real, para atender a demanda dos interesses americanos econômicos e sociopolíticos. “Nunca Sem Minha Filha” completa os adjetivos negativos à cultura iraniana e da religião fundada por Maomé.

Focando o lado mais vil da sociedade iraniana, no ponto de vista da personagem Betty Moddy, nos EUA era um homem civilizado, quando chegam ao Irã torna se um homem

⁶² FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

⁶³ MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. p. 48.

⁶⁴ MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. p. 48.

brutal, na América ele tinha uma personalidade afável com a família. O que fez Moddy mudar não foi sua personalidade, foi a sua cultura latente no seu sangue.

A câmera foca os personagens das mulheres vestidas de preto e cabelos cobertos, segundo Jack Shaheen⁶⁵, “[...] a esta imagem se junta o que se chama de fardas negras, mulheres cobertas com véus ao fundo nas sombras, submissas, quanto mais as mulheres avançam Hollywood as mantém atadas ao passado [...]”.

No filme, os passeios pelas ruas são um pesadelo para Betty, onde havia conflitos e policiamento, outras ruas sombrias e assustadoras, sem uma cena de alegria ou manifestação de amabilidade. Neste filme as pessoas são representadas sem um mínimo de sentimento. A câmara focaliza os detalhes depreciativos entre a irmã e Moody e Betty, olhares cruzados do momento do estranhamento cultural para a irmã de Moody, Betty representa uma prostituta ocidental, para Betty, a cunhada é primitiva e todos provincianos muçulmanos ortodoxos.

A família de Moody apoiavam Khomeini, sua principal ideologia era voltar à origem do Irã sem a interversão cultural do Ocidente, para ambas o choque cultural foi relevante, no entanto a liberdade que Betty prezava foi sendo lhe retirada abruptamente. Meleiro⁶⁶, ao citar Said, afirma que

As culturas e as civilizações podem mudar, desenvolver-se, regredir e desaparecer, mas permanecem misteriosamente fixas em sua identidade, com a sua essência [...], ao ler sobre choque de civilizações [...], descrever a relação entre elas como sendo de conflito básico, como se os empréstimos e as sobreposições entre elas não fossem uma característica muito mais interessante e significativa.

As dificuldades do enfrentamento cultural e dos processos históricos políticos em que os EUA e o Irã estavam envolvidos, foram cruciais para a empatia clara das duas mulheres.

O filme mostra como foi o encontro entre as duas culturas, Oriente e Ocidente, que são divergentes tanto na posição geográfica como na cultura. Esse encontro representa a história entre as duas mulheres e entre as duas culturas. As duas culturas quando são enfrentadas entre Betty e a cunhada, é difícil para ambas os valores distintos, de moral, religioso, comportamento, por mais que elas tentassem compreender as diferenças.

Neste processo de enfrentamento, Betty em todas as cenas via a família de Moddy como inferior. É essencial perceber nestas cenas que Betty conseguia se desvincular de sua cultura.

⁶⁵ FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

⁶⁶ MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. p. 24.

Para Betty, passou a ser seu objetivo principal sair do ‘inferno’ que o Irã representava no seu ponto de vista cultural. O filme deixou despercebido que as diferenças são culturais, não diferenças humanas. A política de Khomeini foi marcada pela volta ao passado remoto, resgatando o século VII, o uso do véu para as mulheres no século XX.

Hobsbawm⁶⁷ afirma que o termo de “tradições inventadas”

É utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as tradições realmente inventadas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo [...], se estabeleceram com enorme rapidez [...], é essencialmente um processo de formalização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição.

Betty chegou ao Irã em um momento crítico pós-revolução em que o governo abraçava as leis corânicas do século VII, a intervenção norte americana na guerra agravava ainda mais sua posição como ocidental.

Khomeini usou como meio o Islã para a tomada do poder, conforme Meleiro⁶⁸, em sua segunda eleição, “ele aconselhou a população a eleger sacerdotes (mulás e aiatolás)”, o país, então, se envolveu em conflitos internos e externos. Neste período histórico o Estado foi à caça às bruxas: cientistas, políticos divergentes, cineastas e artistas foram perseguidos e assassinados.

Nas eleições de 1980, após a Revolução Islâmica, houve, por meio de plebiscito, a escolha de governo islâmico ou democracia. Alguns anos após a revolução, ocorreram algumas crises internas e externas no Irã, à exemplo do bombardeio no Teerã em 1981, que matou membros do parlamento e a invasão da embaixada americana e o sequestro de americanos, tentativas de golpes militares, declínio do preço do petróleo e a guerra contra o Iraque que permaneceu durante oito anos.

A personagem recriada de Betty demonstrou uma mulher de coragem para o espectador, pela luta de resgatar a liberdade ambas. Possivelmente qualquer mulher faria de tudo pelos seus filhos para que eles possam ter liberdade. Uma mãe iraniana faria a mesma coisa pelos seus filhos, que vão para o ocidente e se tornam prisioneiros de uma nova cultura divergente. Nesta cena fica claro que os iranianos são retratados como primitivos no enredo

⁶⁷ HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-10.

⁶⁸ MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. p. 23.

comercial, não levando em consideração sua humanidade e atribuindo-os adjetivos que desqualificam a cultura árabe⁶⁹.

Ferro⁷⁰ sinaliza que “[...] o filme escapa também ao cameraman e ao cineasta, que não chegam a apreender necessariamente todas as significações da realidade que mostram [...], sob a aparência de um filme”. No filme “Nunca Sem Minha Filha” o diretor focou nas tradições da cultura iraniana, indo além de seu próprio conteúdo, demonstrando lados controversos da sociedade iraniana. Nesta tentativa desesperada de sair do Irã, Betty é assediada pelo motorista de taxi e enfrenta uma tentativa de estupro na fuga, são revelações que deixam margem a outros estereótipos, o de que entre os muçulmanos há muita violência contra as mulheres.

O enredo conduz Betty ao consulado americano como heroína determinada. A câmera enquadra Betty e sua filha quando esta diz: “estamos quase em casa”. A visão de Betty nos fatos vivenciados por ela no Irã foi posicionada pelo diretor (Brian Gilbert) para que a história fosse mais crítica perante a cultura e o islamismo iraniano, o mesmo ocorreu no filme “Nova York Sitiada”, readaptação dos fatos históricos real com a ficção.

Os conceitos de cultura apresentados nas reproduções evidenciam que a supremacia americana se faz presente na maior parte das criações cinematográficas hollywoodianas, as outras culturas são rebaixadas, uma espécie de colonialismo ideológico reproduzido. Os pontos relevantes dos mitos criados nestas reproduções filmicas apresentam os árabes e muçulmanos como primitivos e fanáticos religiosos, outro ponto relevante para compreendermos do que é a falta de humanismo da cultura árabe.

Os filmes “Nunca Sem Minha Filha” e “Nova York Sitiada”, refletem o olhar para o outro como inferior, estas características da filmografia hollywoodiana desde o início da industrialização os árabes são o banco de reserva dos papéis de baixa categoria, nem os filmes infantis escaparam. Os objetivos geralmente são de desumanizar a cultura árabe e o islamismo, um cinema que é motivado economicamente e politicamente, que cultiva a ideologia americanizada. Essas possibilidades são emitidas pelos meios de comunicação de massa globalizados.

As duas histórias filmicas distintas seguem o mesmo padrão. Os personagens árabes e o Islã são caracterizados com os mesmos adjetivos, mesmo nas cenas em que são humanizados em seguida são introduzidas cenas racistas e de estímulo á aversão. A

⁶⁹ MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. p. 23.

⁷⁰ FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 29.

continuidade e rompimento entre os episódios, a formação de imagens, geralmente condena os árabes e descendente islâmica “personagens bandidos, terroristas”, estes personagens estão ligados ao fracasso, ao passo que os americanos são representados com uma sociedade de grandes heróis, destemidos.

O filme “Nova York Sitiada”, após os atentados das torres gêmeas, foi um grande sucesso de bilheteria. Na sua estreia anterior aos atentados não teve respaldo esperado. A perseguição do coronel pelos árabes no filme faz parte da ideologia dos americanos “vingar sempre”, nada fica sem impunidade.

Na vida real Betty Moddy nunca mais se encontrou com Moddy e ele morreu sem mais ver a filha. Elas permaneceram no anonimato e permanecem até os dias de hoje. Betty fundou uma ONG, para ajudar mulheres que se encontram na mesma situação que ela, escreveu um livro sobre sua vida no Irã. O filme se tornou ficção nos moldes hollywoodianos, ter muito sucesso, pois representa a desumanização da cultura árabe, colaborando com o imaginário ocidental acerca do tema.

4 CONCLUSÃO

O que sabemos sobre a cultura árabe, e especificamente a religião Islâmica são informações que recebemos através de filmes. Estas informações são estereotipadas nas produções de filmes principalmente de hollywoodiano.

Este trabalho foi baseado nas análises de dois filmes, “Nunca Sem Minha Filha” e “Nova York Sitiada”, como tentativa de demonstrar os adjetivos pregados na filmografia, e entre outros que não foram analisados neste trabalho. Como Said diz: “O Oriente como invenção do ocidente” (1990) é como os filmes inventam a vida do árabe, distorcem a cultura, colocam os muçulmanos como violentos, as cultura de um oriental inteira entre nos estereótipos.

As bibliografias aqui utilizadas deram suporte para a conclusão que chegamos que os estereótipos são parcialmente integrados nas sociedades global, através dos cinemas e outros meios de comunicação de massa.

As consequências destas produções proporciona o racismo e a islamofobia e a xenofobia, no mundo global.

Este trabalho me proporcionou um conhecimento abrangente, sobre a cultura do Oriente e da religião muçulmana, através dos filmes e das bibliografias.

Espero que este trabalho possa contribuir nas instituições de pesquisas acadêmicas ou para quem tenha a curiosidade de saber mais um pouco sobre o Oriente e o Islã.

REFERÊNCIAS

AL-SHEHA, Abdurrahman. **A Mensagem do Islam: Muslim**. Tradução: Ninevah Barreiros.

A POLÍTICA EXTERNA dos Estados Unidos no Centro do Atual Drama do Povo Americano. Disponível em:
<<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=360>>. Acesso em 10 jul. 2016.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. (Org.). Campinas: Papirus, 2006. p.17-52.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

FILMES ruins, árabes malvados: como Hollywood vilificou um povo. Direção: Sut Jhally. Roteiro e apresentação: Jack Shahenn. Estados Unidos: Media Education Foundation, 2006. 1 DVD (50 min).

FERRO, Marc. **Cinema e História**. (trad.) Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWN, Eric; Ranger, Terence. (Orgs.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. (Org.). Campinas: Papirus, 2006.

MANJI. Irshad. **Minha briga com o Islã**. O clamor de uma mulher muçulmana por liberação e mudança. [trad.] Dinah de Abreu Azevedo. Brasília: Editora Francis, 2004.

MORIN, Edgar. **O cinema, ou O Homem Imaginário: Ensaio de Antropologia Sociológica**. (trad. Luciano Loprete). São Paulo: É Realizações, 2014.

MELEIRO, Alessandra. **O novo cinema iraniano: arte e intervenção social**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A História depois do papel. In; PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

NOVA York Sitiada. Direção: Edward Zwick. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1988. 1 DVD (115 min).

NUNCA sem minha filha. Direção: Brian Gilbert. Estados Unidos: Pathé Entertainment, 1991. 1 DVD (116 min).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SAID, Edward. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ANEXOS

ANEXO A - Nova York Sitiada – Capa, sinopse e ficha técnica



Sinopse: O agente Anthony Hubbard do FBI está tentando acabar com os constantes ataques terroristas que ocorrem em Nova York. Como não obtém êxito, a lei marcial é declarada, e as forças armadas tomam as ruas da cidade. Agora, o FBI e o Exército devem se unir para devolver a paz aos cidadãos de Nova York.

Diretor: Edward Zwick.

Elenco: Denzel Washington, Bruce Willis, Annette Bening.

Produção: Lynda Obst e Edward Zwick.

Roteiro: Lawrence Wright (história), Menno Meyjes, Edward Zwick.

Gênero: Ação/Policial/Suspense.

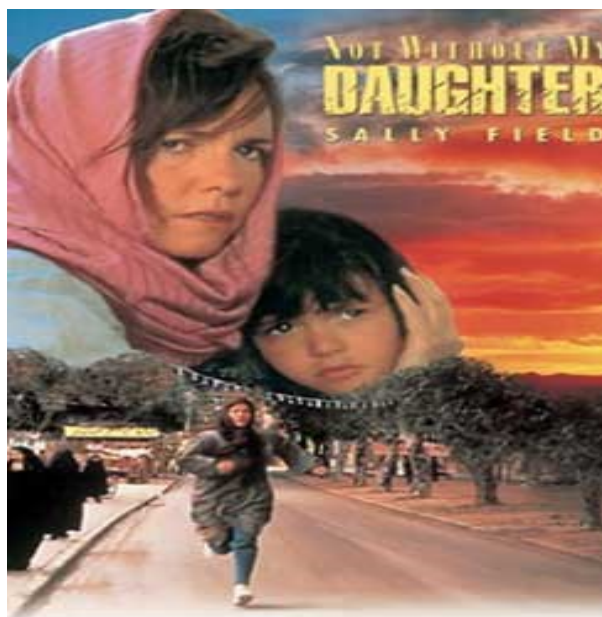
Distribuição: 20th Century Fox.

Duração: 115 min.

Ano: 1998.

País: EUA.

ANEXO B – Nunca Sem Minha Filha – Capa, sinopse e ficha técnica



Sinopse: Betty está casada há sete anos com o iraniano naturalizado americano Moody. Os dois têm uma pequena filha a quem amam muito. Com troca de poder no Irã, Moody decide que é hora de voltar. Contrariada, Betty aceita ir, mas ao chegar lá, descobre foi enganada e que seu marido não é quem ela pensava.

Diretor: Brian Gilbert

Elenco: Sally Field , Alfred Molina, Bruce Evers, Ed Grady, Georges Corraface.

Roteiro: John W. Winters, baseado em livro de Betty Mahmoody e William Hoffer.

Gênero: Drama.

Distribuição: Pathé Entertainment.

Duração: 116 min.

Ano: 1991.

País: EUA.